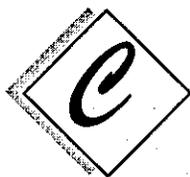


Lazer: Concepções e Significados

Antonio Carlos Bramante¹

O lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espaço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade. É feita por amor, pode transcender a existência e, muitas vezes, chega a aproximar-se de um ato de fé. Sua vivência está relacionada diretamente às oportunidades de acesso aos bens culturais, os quais são determinados, via de regra, por fatores sócio-político-econômico e influenciados por fatores ambientais.

(BRAMANTE, 1998)



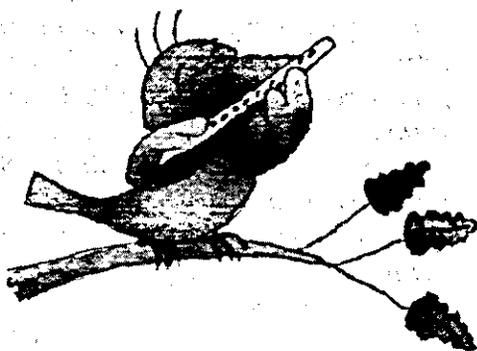
Conceituar lazer tem sido para mim, ao longo de 25 anos de engajamento nesse campo de estudos, um desafio profissional de extrema complexidade. Permeado por inúmeros autores nacionais e estrangeiros de tendências e abordagens distintas, particularmente nos últimos dez anos, venho sistematicamente “construindo” a minha versão desse fenômeno para melhor interpretá-lo e compreendê-lo.

Sua complexidade transita desde sua etimologia, representando sentidos distintos na sua raiz latina: *licere* (lazer), *schole* (escola), *otiu* (ócio), dentre outros. Entre os nossos países vizinhos de língua espanhola, a palavra lazer inexistente, sendo, habitualmente, tratada por “ocio” ou “tiempo libre”.

¹Professor Doutor do Departamento de Estudos do Lazer, da Faculdade de Educação Física da UNICAMP

Fenômeno típico decorrente, sobretudo, dos efeitos da revolução industrial e, agravado pelo crescente processo de urbanização das cidades, o lazer vem sendo também, ao longo do tempo, conceitualmente confundido com outros derivativos, tais como recreação, jogo, esporte, etc.

A partir dos anos 50 o lazer começa ocupar espaço de relevância no seio acadêmico internacional para tornar-se um amplo campo de estudos, pesquisas e aplicação. Seu caráter interdisciplinar tem sido uma tônica, que busca facilitar a compreensão do lazer, exposto pelos mais diversos enfoques profissionais. Filosofia, história, antropologia, sociologia, psicologia, geografia, são algumas das áreas do conhecimento que têm contribuído de maneira expressiva para facilitar a compreensão do lazer.



Muito embora a obra “Lazer Operário” de Acácio Ferreira, editada em 1959, seja reconhecida por muitos estudiosos do assunto como o marco inicial das reflexões dessa problemática social no Brasil, somente a partir dos anos 70 essa temática começa a receber maior atenção dos pesquisadores.

Da influência européia dos anos 70/80, vindo principalmente do ramo da sociologia, para a influência norte-americana dos anos 80/90, construída particularmente a partir da psicologia, vivemos hoje uma pluralidade de conceitos, na qual os autores das mais variadas matizes ideológicas tendem a concordar tão somente com um conjunto de características advindas da vivência do lúdico, eixo fundamental do lazer.

Uma vez apresentada essa breve evolução do tema, optei por discutir meu próprio conceito de lazer para inaugurar essa publicação específica dentro desta seção “Múltiplos Olhares”, sobre concepções e significados do lazer e recreação.

“O lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado...”

Dadas as características da sociedade capitalista contemporânea, na qual instrumentalizou-se o tempo e a atividade recreativa tende a transformar-se em mera mercadoria, a dimensão do “não trabalho” pode assumir uma nuance extraordinária para a vivência da essência humana, através da conquista de um tempo da “não utilidade” frente às pressões crescentes de se dar sempre uma certa finalidade ao uso do tempo. O tempo, conceito objetivamente inelástico, vem se tornando uma “mercadoria” de luxo, em que a máxima “tempo é dinheiro” chega a refletir o seu verdadeiro significado, dado por segmentos significativos da nossa sociedade. Portanto, “conquistar” um tempo da não obrigação vem se impondo como um desafio para todos que desejam exercitar a face humana da vida plena.

... materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espaço, cujo eixo principal é a ludicidade...

Tenho optado, ultimamente, pelo conceito de experiência ao invés de atividade, considerando o componente de qualidade que caracteriza o primeiro. O conceito de atividade, no meu entender, é mais apropriado quando associado à recreação, por exemplo, a um “programa de atividades recreativas para pré-escolares”... e assim por diante.

Com a crescente aplicação da psicologia nos estudos do lazer, durante os anos 70, incorporou-se ao binômio tempo/atividade – atributos principais na conceituação do lazer – o caráter atitudinal ao indivíduo que o vive, tornando o lazer, antes de tudo, um fenômeno pessoal e com alguns atributos básicos, destacando-se dois: a criatividade e o prazer. A explicação da dimensão tempo residual das obrigações pessoais e sociais para caracterizar o lazer foi se esgotando na era denominada “pós-moderna”, onde a vida, como um todo, perde a sua linearidade e ganha novos enfoques nas relações sociais entre o indivíduo consigo, com o próximo e com o meio ambiente. Entra em vigor o conceito mais elástico de tempo social, na qual a oscilação entre obrigação e não obrigação, característica do contexto humano, extrapola a dimensão objetiva de tempo. A categoria atividade, enquanto traço definidor do que seja ou não lazer, pode auxiliar e favorecer o entendimento de algumas taxionomias, mas,

de longe, oferece qualquer sustentação teórica, pois, o que pode ser lazer para um, pode não ser para outras pessoas. Além disso, para aquela mesma pessoa, aquilo que era lazer em determinado momento poderá deixar de sê-lo minutos após, devido aos inúmeros fatores intervenientes que compõem uma experiência de lazer. Portanto, por mais que se recrie o ambiente de uma experiência de lazer bem sucedida, ela é temporal/espacial, isto é, sempre nova, renovada. Possivelmente, poderá ser até mais enriquecedora do que a anterior, mas nunca como aquela vivida naquele tempo, naquele espaço. A ludicidade enquanto eixo principal da experiência de lazer, vem sendo uma das poucas unanimidades entre os diversos autores que teorizam sobre o significado do lazer, que, por meio dos mais distintos estudos, redescobre-se a vocação inerente do ser humano que brinca e que joga, na sua mais pura essência antropológica.

... Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade...

Nesse particular, vale ressaltar a relação dialética existente entre o indivíduo (motivação intrínseca/percepção de liberdade) e o ambiente (potencial socializador), na qual se observa uma mútua influência, resultando no envolvimento da(s) pessoa(s) no lazer. Trata-se de uma abordagem conceitual psico-social do lazer, bastante pesquisada na atualidade, por considerar as forças sociais e culturais do macro-ambiente, que afetam tanto os agentes socializadores do lazer (família, escola, pares, mídia, etc.), como o repertório individual de experiências pessoais nesse campo. Através da competência percebida e da auto-determinação, segundo essa vertente, ocorrerá um maior ou menor envolvimento da(s) pessoa(s) no lazer.

Se a experiência de lazer é pessoal não se pode, portanto, negar seu potencial socializador, capaz de reunir pessoas em uma atmosfera favorável de alegria, na qual as pessoas comungam desejos e necessidades semelhantes no tempo do não trabalho. Há mesmo quem afirme que a verdadeira experiência de lazer só se concretiza com o compartilhar com o(s) outro(s).

Os dois eixos essenciais para a compreensão da riqueza do lazer, motivação e liberdade, podem ser visualizados em um contínuum, onde a motivação transita entre a intrínseca e a extrínseca e, o grau de percepção da liberdade, entre o controle pessoal e de outro(s). Quanto mais “gratuita”, sem

finalidades rigidamente estabelecidas, voltadas para a plena satisfação interna, bem como sob o controle pessoal, maior e melhor a qualidade da experiência de lazer.

... É feita por amor, pode transcender a existência e, muitas vezes, chega a aproximar-se de um ato de fé...

A presença desses três elementos no interior do conceito de lazer pode, em princípio, causar estranheza. O argumento a seu favor é que, quando vivemos uma verdadeira experiência de lazer, o fazemos por amor, isto é, agimos como um amador, aquele que ama o que faz, de maneira desinteressada, sem buscar uma recompensa extrínseca, diferentemente do profissional, que melhora sua performance, seja qual for a habilidade necessária, com finalidades bastante definidas. À medida que o engajamento de uma pessoa, em uma determinada experiência de lazer, se amplia tanto em quantidade como em qualidade, o fenômeno da transcendência da existência se instala. Não é incomum viver uma experiência ótima de lazer ou, como também é denominada, de fluidez, onde as pessoas simplesmente “se perdem” no tempo e no espaço, fazendo com que se viva uma dimensão indescritível da experiência humana. Vários exemplos poderiam aqui ser citados, como no caso dos “esportes radicais”, ou mesmo o contemplar de uma natureza privilegiada, ou ainda, aquela pessoa que chega do trabalho e, literalmente, se “enterra” na oficina do fundo de quintal construindo ou consertando algo (“bricolage”). Ao perguntar-se para essas pessoas o que estão sentindo naquele exato momento da experiência lúdica, constata-se a hesitação com meias palavras como “... é..., sabe.....olha,... eu não sei lhe explicar... você tem que experimentar para sentir...”

Nessa linha do “amor/transcendência à existência”, é provável ocorrer algo semelhante à fé, isto é, a crença de que aquela experiência vivida é a mais importante de todas e, portanto, tentar-se-á aprofundar mais e mais na mesma, conhecendo melhor o que já se faz bem na busca da excelência no lazer. Esse fenômeno tem sido descrito, por alguns autores em literatura recente, como *serious leisure*, ou seja, o lazer comprometido, ou, ainda, o lazer levado a sério, tal como se observa, principalmente, entre os “hobbistas” e aqueles que realizam trabalhos voluntários. A linha demarcatória entre o lazer e o trabalho torna-se tênue e, muitas vezes, valores atribuídos ao trabalho permeiam a experiência de lazer e vice versa. É o caso de muitas reuniões entre amigos para um churrasco, na qual a sua organização em termos de horários, providências, atribuições e responsabilidades chegam a aproximar-se dos atributos do trabalho.

Da mesma forma, os ambientes de trabalho estão cada vez mais “humanizados” e, na busca de melhor produtividade, elementos do lazer permeiam as atribuições características do trabalho obrigatório.

...Sua vivência está relacionada diretamente às oportunidades de acesso aos bens culturais...

A questão de acessibilidade aos bens culturais é um desafio para todos os profissionais de lazer, particularmente para aqueles que atuam dentro do setor público. Acredito que o papel fundamental desse profissional é ser um educador com uma visão revolucionária, que tente ampliar a base do repertório de experiências diversificadas dentro dos mais variados conteúdos culturais do lazer, uma vez que a escola se preocupa quase exclusivamente com a formação para o trabalho. É lamentável constatar, por exemplo, que o movimento em muitas bibliotecas cresce às vésperas das provas escolares, com um grande acúmulo de cópias xerografadas das partes principais de livros, “daquilo que vai cair na prova”. Mais grave ainda quando essas bibliotecas funcionam no chamado “horário comercial”, retirando desse espaço privilegiado de difusão cultural sua missão mais nobre, que é fomentar o “saber com sabor” enquanto lazer, quando as pessoas, literalmente, “se perdem” entre as prateleiras: estavam em busca de um assunto, mas se apaixonaram por uma poesia encontrada no mural daquela biblioteca e passam a explorá-la, por meio da busca despercebida e gratuita do prazer da leitura.

...os quais são determinados, via de regra, por fatores sócio-político-econômico e influenciados por fatores ambientais...

É bastante discutido, na literatura especializada, o grau de influência de alguns indicadores, tais como idade, renda, nível de educação, entre outras variáveis que podem influenciar o acesso e o sucesso de uma pessoa dentro no lazer. Todos esses fatores exercem alguma influência na adesão ao lazer. Porém, num país desigual como o nosso, onde a grande maioria das pessoas sobrevive na linha abaixo da pobreza, e muitos na linha da miséria, esperar por uma experiência de lazer que promova o seu desenvolvimento social e como indivíduo é quase uma utopia. Alguns estudos têm demonstrado que a sociabilização ao lazer, quando rica no seio familiar, tende a criar, a longo prazo, um “currículo oculto”, que muito beneficiará essas pessoas no tempo de não trabalho. A

influência do mass media; o crescimento da oferta de lazer pela iniciativa privada, com a conseqüente abdicação do setor público nessa área de serviços, os perigos de transformar o lazer mais em ter do que ser; a degradação ambiental; a corrida desenfreada pelo turismo como fonte de riqueza para os municípios; alguns modismos – que vão dos esportes radicais aos mais variados parques temáticos – são, entre outros, elementos que devem servir de reflexão para aqueles que atuam nesse campo.

Para concluir estas reflexões acerca de concepções e significados de recreação e lazer, vale um alerta com relação à formação de recursos humanos especializados para a área. Frente a complexidade do tema, muito embora haja iniciativas esporádicas nesta ou naquela universidade (principalmente algumas instituições privadas, muito mais atraídas pelo “filão” econômico que o lazer e o entretenimento representam, do que pela inovação da dimensão lúdica das pessoas), constata-se uma certa desarticulação entre as lideranças do país nesse campo de atuação, para que se possa elaborar uma agenda mínima de ações em termos de preparação de recursos humanos e formulação de políticas setoriais de lazer. Há, sim, avanços: mais prefeituras municipais estão encampando a idéia do lazer comunitário, atualizam-se os conhecimentos entre alguns dirigentes de clubes sociais recreativos na sua vastíssima malha no país, ampliam-se as publicações, estamos já na décima edição do Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL), pela primeira vez o Brasil sediará o Congresso Mundial de Lazer, mais teses de mestrado e doutorado estão sendo produzidas, mas, falta ainda um direcionamento mais claro entre os profissionais para que se potencialize, junto à sociedade, os valores do lazer, mostrando os seus benefícios. A “gratuidade” do lazer, para quem vive essa experiência não pode ser confundida com o espontaneísmo na sua concepção e administração. Uma verdadeira intervenção cultural dentro do lazer exigirá esforços concentrados em determinadas direções que envolvam a aglutinação dos recursos para a elaboração da mencionada agenda mínima para o setor. Assim, as diferentes concepções e significados da recreação e lazer, como propõe estes “Múltiplos Olhares”, poderá contribuir para que a sociedade brasileira compreenda os valores dessa dimensão tão importante da vida humana, que é o lazer, e tente preservá-lo como foco de resistência ao consumo alienado, barato e medíocre daquela recreação que só diverte, isto é, diverge do sério, mas mantendo a sisudez que afasta da felicidade.

Bibliografia Consultada

- BELO HORIZONTE. PREFEITURA MUNICIPAL. *O Lúdico e as Políticas Públicas: Realidade e Perspectivas*. PMBH/SME, 1995.
- BRUHNS, Heloisa (Org.). *Introdução aos Estudos do Lazer*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- BRAMANTE, Antonio. "Estamos Vivendo uma Civilização do Lazer?" *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. Vol. 4, No. 4, p. 91-94, Out. 1990.
- _____. "Leisure in Latin America." In: KELLY, J. & COTTRELL, S. (Editores) *Leisure; a Worldwide Perspective* (no prelo).
- _____. "Leisure Lifestyles in a Developing Country: Reasons for Non-participation" In COLLINS, M. e COOPER, I. (Editores) *Leisure Management; Issues and Applications*. Oxon/Reino Unido, 1997.
- CAMARGO, Luiz. *O Que é Lazer?* 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- DE GRAZIA, S. *Of Time, Work and Leisure*. New York: Anchor Books, 1964.
- DUMAZEDIER, J. *Lazer e Cultura Popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- _____. *A Revolução Cultural do Tempo Livre*. São Paulo: Livros Studio Nobel Ltda., 1994.
- ELLIS, M. J. *Why People Play*. Englewood Cliffs/USA: Prentice-Hall, Inc., 1973.
- FERREIRA, Acácio. *Lazer Operário*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.
- GÄELZER, Lênea. *Lazer, Bênção ou Maldição?* Porto Alegre: Sulina, 1979.
- GODBEY, Geoffrey. *Leisure in your Life; na Exploration* 3. ed. State College/USA: Venture Publishing, Inc., 1990.
- GOODALE, Thomas e WITT, Peter (Editores). *Recreation and Leisure; Issues in na Era of Change* 3. ed. State College/USA: Venture Publishing, Inc., 1991.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- LINDER, Staffan. *The Harried Leisure Class*. New York: Columbia University Press, 1970.
- ISO-AHOLA, Seppo. *The Social Psychology of Leisure and Recreation*. Dubuque/USA: Wm. C. Brown Company Publishers, 1980.
- MARCELLINO, Nelson. *Lazer e Humanização* 2. ed. Campinas: Papirus, 1995.

- NEULINGER, John. *To Leisure; na Introduction*. State College/USA: Venture Publishing, Inc. 1984.
- PIEPER, Josef. *Leisure, the Basis of Culture*. New York/USA: American Library, Inc., 1963.
- REQUIXA, Renato. *O Lazer no Brasil*, São Paulo: Brasiliense, 1977.
- STEBBINS, R. *Amateurs, Professionals and Serious Leisure*. Montreal e Kingston: McGill – Queens's University Press, 1992.